

Gérion Brant

Governo descarta CORREIO BRAZILIENSE aplicação de novo 20 SET 1988 choque econômico

Apesar de considerar o patamar inflacionário alto e instável, o Governo não pretende adotar nenhuma medida de impacto para evitar que o índice alcance, este mês, a casa dos 23 a 24%. Ele continuará com a sua política do feijão com arroz, tentando conter o déficit e apostando na inércia decorrente da indexação da economia como fator de relativa estabilização contra o fantasma da hiperinflação. O que mais teme, no entanto, é a expectativa que a evolução dos preços causa na sociedade, exposta às mais variadas especulações que a induzem ao pessimismo e à descrença na estratégia antilinflacionária oficial.

Essa é a análise do chefe da assessoria econômica do Ministério da Fazenda, João Batista de Camargo, que acredita estar a inflação sob controle, razão pela qual descarta qualquer possibilidade de choque ou medida correlata por entender que seria inócuo, não resolveria nada, pelo contrário, complicaria ainda mais a situação e, aí sim, poderia contribuir para levar o País à hiperinflação. O Governo, segundo Camargo, continuará na sua linha tradicional: con-

ter o déficit público em escala aceitável, compatibilizando-o com a manutenção do crescimento econômico em bases moderadas, para evitar a recessão.

João Batista de Camargo descartou as três alternativas que estão sendo cogitadas para conter a inflação: um choque de oferta, a volta do controle de preços e um novo choque para congelar preços e salários.

Não faz sentido, na sua opinião, promover um choque de oferta tipo importação de alimentos, neste momento, para segurar o aumento dos preços, pois o mercado está abastecido. A preocupação, a curto prazo, ressalta, é com a possibilidade de atraso no plantio por causa da seca.

A volta do controle de preços, igualmente, está descartada, disse Camargo. Para ele, a interferência no mercado poderia ser prejudicial e, em vez de contribuir para atenuar a alta inflacionária, poderia exacerbá-la ainda mais. A alternativa de um novo choque para congelar preços e salários, também, segundo o chefe da assessoria econômica da Fazenda, está descartada.